

WORLD
WARCRAFT
MISTS of PANDARIA

BLIZZARD ENTERTAINMENT

Diário de Viagem da Li Li



A vida é uma aventura.

Foi isso que o tio Chen me escreveu numa carta, um dia. É um conselho muito sábio, mas meu papai, Chon Po, não acha isso não. Ele diz que eu passo tempo demais sonhando com o mundo exterior, e que eu ignoro toda a beleza da Ilha Errante. Ele não poderia estar mais enganado... eu realmente amo minha terra natal.

E foi por isso que eu fiz este diário. Eu pensei assim, bem, se eu quiser me tornar uma grande exploradora como o tio Chen, eu preciso começar a escrever sobre minhas próprias aventuras, que nem ele faz. E por que não começar em casa? Talvez meu livro vá parar na Grande Biblioteca um dia, enfiada entre as cartas do tio Chen. Ah, melhor ainda, quem sabe no futuro o pessoal de Ventobravo, Orgrimmar ou outro lugar distante vai ler isto aqui e aprender sobre o meu povo, minha cultura e as coisas que fazem este lugar ser tão legal assim!

Mas vamos começar do começo. Eu nasci na Grande Tartaruga, Shen-zin Su, também conhecida como Ilha Errante. Hoje em dia, a maioria dos pandarens daqui só faz ficar sentado nos seus traseiros gordos, contando as mesmas historinhas velhas, mas não foi sempre assim. Nossos ancestrais tinham a aventura no sangue. Para eles, cada dia que passassem na ilha era mais uma chance de ver coisas novas e criar novas histórias!

Enquanto escrevo isto aqui, o tio Chen está honrando a nossa tradição em algum lugar do mundo, mas ele não é o único. A Trilha do Viajante também me chamou, mesmo aqui em casa, e finalmente chegou a hora de atender a esse chamado!

Meu nome é Li Li Malte do Trovão, e esta é a Ilha Errante.



Primeiro registro: Um passo de cada vez

Decidi explorar meu lar seguindo o Caminho do Errante, uma filosofia sobre a qual meu tio Chen já escreveu muito em suas cartas. Basicamente, ele diz que você deve empreender sua jornada um passo de cada vez, observando tudo ao seu redor, falando com todas as pessoas que você encontrar, e absorvendo todos os detalhes existentes.

Depois de pensar um pouco, iniciei minha jornada por Shen-zin Su no ponto onde eu aprendi a história da ilha: a Vastidão do Alvorecer. Esta imensa ponte de pedra se estende ao longo de altos penhascos próximos ao centro da ilha. Do alto da ponte, dá para ver até do outro lado da Floresta de Pei-Wu, uma mata cor de esmeralda ao sul. É de tirar o fôlego!

Mas eu não fui até lá para olhar a paisagem. Desci até uma pequena sala de aula construída sob a ponte. É ali que a maioria dos filhotes aprendem sobre Liu Lang, o primeiro explorador pandaren (pessoalmente, eu ouvi falar nele pela primeira vez numa das cartas do tio Chen). A aconchegante salinha ao ar livre estava lotada de filhotes entusiasmados, que escutavam a história de Liu Lang sendo contada por dois Andarilhos das Lendas. Eu puxei uma cadeira, me sentei e fechei os olhos, tentando imaginar que estava ouvindo aquela fábula real pela primeira vez.

Escutar a história de Liu Lang me fez sentir que tudo era possível! Inspirada, eu atravessei a ponte, chegando ao Templo das Cinco Auroras, uma torre reluzente no centro da ilha. Entrar naquele prédio enorme é como entrar em outro mundo. Uma chuvinha caía do teto; uma brisa suave tocava minhas roupas; e, mesmo que estivesse frio do lado de fora, o ar ali era cálido como num dia de verão.

Os Andarilhos das Lendas contam que, conforme Shen-zin Su crescia, o templo crescia também, como se o próprio prédio fosse uma parte da Grande Tartaruga. Este é um lugar sagrado, e por um bom motivo. O templo é o lar dos quatro espíritos anciãos da ilha: Shu (água), Wugou (terra), Huo (fogo), e Dafeng (ar). Enquanto eles estiverem sãos e salvos, o clima permanece calmo e as estações se passam corretamente.

O templo está carregado de sábios provérbios e raros berloques, mas o que mais me interessava era a estátua de Liu Lang no primeiro andar. Ao contemplá-la, eu pensei em todas as grandes coisas que ele realizou. Tem que ser muito corajoso para fazer o que ele fez! A aventura provavelmente o seguia aonde ele fosse, até mesmo em casa.

Eu esbarrei no mestre Shang Xi quando saí. Ele é o mandachuva destas plagaspartes, um pandaren muito nobre e corajoso que presta o papel de mentor a pandarens jovens e velhos também. Já perdi a conta de quantas vezes eu me meti em encrencas com Shang, mas ele sempre foi muito bom em perdoar (menos no dia em que eu fiz o chá dele com as águas gambazentas das fontes amaldiçoadas). Bem, tipo assim, nesse dia ele estava de bom humor, então eu aproveitei para fazer a pergunta que estava me incomodando: o que o Liu Lang faria se ainda estivesse vivo hoje? Onde ele encontraria aventuras nesta ilha?

— Por que você não pergunta a ele? — retrucou o mestre Xi, apontando a estátua. Eu não tinha pensado nisso, então resolvi tentar. Não estava esperando uma resposta de verdade. Mas eu recebi uma!

O espírito Shu provavelmente estava escutando. O carinha pulou no ombro da estátua de Liu Lang e jogou uma bola de água que se esparramou no chão. Depois de um instante, a poça se moveu. Ela deslizou até a entrada do templo como se estivesse viva, e então desceu quicando a Escada do Alvorecer.

Eu a segui o mais rápido que pude até alcançar o largo vale ao norte do templo. Nunca perguntei à poça aonde íamos, isso teria estragado a surpresa. Assim como Chen, eu estava fazendo aquela jornada um passo de cada vez!



全

竹卡耳牛三

Segundo registro: o dilema do alvorecer

A minha jornada pela Ilha Errante continuou pelo Vale do Alvorecer!

Eu persegui a bola de água que o Shu criou por todas as colinas e todos os bosques da região. O carinha estava sempre um passo à minha frente, mas eu nem me importei.

Naquela época do ano, o vale estava lindo e cheio de plantas e animais fascinantes, como os larápios folhâmbares, uns duendes espertinhos que adoram fazer truques e causar confusão. Eu sempre gostei deles. Mas as coisas que eu mais gosto nesta parte da ilha são as árvores puzhu de cor bem vermelha. Elas têm algo de mágico. As pétalas mantêm a cor por meses, mesmo depois de colhidas.

Os Andarilhos das Lendas dizem que Liu Lang plantou vários brotos e sementes diferentes na ilha há muitos anos. Será que isso quer dizer que o mesmo tipo de plantas e flores existe em Pandária? Se for assim, pode ser que o pessoal de lá também use as pétalas puzhu para fazer remédios e decorações para os festivais, como nós.

Enfim, eu perdi a trilha da água de Shu em algum lugar da Vila de Wu-Song, no norte do Vale do Alvorecer. Para piorar as coisas, ninguém na vila a tinha visto! Como alguém pode deixar de ver uma bola de água viva dançando pelas ruas? Bom, não é culpa dos aldeões. Eles estavam ocupados com suas tarefas e praticando artes marciais. Alguns dos melhores monges da ilha vêm de Wu-Song, provavelmente por ser muito perto do Campo de Treinamento de Shang Xi.

O campo fica no alto de uma colina, a leste da vila. Durante o dia todo, o som de punhos e armas batendo nos bonecos de treinamento ecoa pelo vale abaixo. Enquanto eu caminhava na direção do campo, encontrei dois dos pandarens mais sábios do lugar: Aysa Canta Nuvens, uma mestra do caminho Tushui, e Ji Pata de Fogo, um mestre do caminho Huojin.

As duas filosofias são muito populares, mas cada uma tem uma característica diferente. Tushui, antes de mais nada, ensina a defender o que é correto. Só existe um caminho correto na vida e ele deve ser sempre seguido. Por outro lado, Huojin fala sempre sobre paixões e ações assertivas. Os estudantes desta escola acreditam que enquanto estiverem trabalhando para um bem maior, pode existir um pouco de flexibilidade no modo como o trabalho é feito.

Como uma seguidora do Caminho do Errante, eu não poderia perder a rara oportunidade de perturbar Aysa e Ji com minhas perguntas. Então, perguntei o que eu deveria fazer para encontrar a bola d'água.

— Sente-se, observe e aguarde, minha jovem,— respondeu Aysa. — Shu é um ser ancestral que nem sempre atenderá ao seu chamado. Se a água quiser encontrar você, ela o fará. No tempo certo.

A visão de Ji era um pouco diferente: — Você só encontrará a água se tiver dedicação, jovem Malte do Trovão. Procure em cada árvore e cada rio. Revire todas as pedras!

Eu acabei tentando os dois caminhos. Primeiro, esperei no Lago de Fu, uma área tranquila ao sul do campo de treinamento. Sentei lá e meditei por horas, mas a bola de água não apareceu. Depois, eu segui o conselho de Ji e fui procurar em cada matinho que via. Por fim, cheguei a conclusão que era tudo sem sentido. Minha missão era explorar. Se Shu me levou até lá por um motivo, talvez tenha sido para me ajudar a dar o primeiro passo na minha jornada.

Depois de pegar o caminho de volta para o Templo das Cinco Auroras, cruzei o caminho de um carroceiro chamado Lun e seu grande iaque. Ele tinha acabado de entregar uns suprimentos no templo e estava se preparando para voltar à Fazenda de Dai-Lo. Aquela parte da ilha parecia um bom lugar para visitar. Consegui convencer Lun a me dar uma carona na carroça dele.

Tenho a impressão de que ele estava de mal humor. Ficou com uma cara azeda o tempo todo, como quem morde um bolinho de feijão vermelho e descobre que estava recheado com queijo de iaque estragado (isso já aconteceu comigo). Depois de fazer algumas perguntas, consegui descobrir o que tinha acontecido: ladrões hozens haviam roubado o estoque de comida dele!

Claro, eu senti pena de Lun, mas, para ser sincera, fiquei muito empolgada. Explorar Dai-Lo era uma coisa, mas explorá-la e investigar uma cena de roubo hozen era como um sonho que se torna realidade.

A próxima parte da minha viagem prometia ser uma aventura e tanto!



Terceiro registro: como pegar um hozen

Depois da bagunça no Vale do Alvorecer, eu segui para a Fazenda Dai-Lo!

Esse lugar lindo é a despensa de alimentos da Ilha Errante. Eu li na Biblioteca-mor que o solo daqui é um dos mais férteis do mundo. Dai-Lo é uma pequena comunidade de fazendeiros perto das Fileiras, longos caminhos serpenteantes de solo arado, cheios de abóboras, cenouras e outras gostosuras.

Toda essa comida deliciosa a céu aberto transformou esta área no alvo preferido dos vermingues, umas pestes muito chatas. Essas criaturas peludas devoram qualquer coisa que encontrarem pela frente, mas têm um amor todo especial por legumes e verduras.

Porém, os vermingues são só um dos problemas da fazenda. Enquanto me dava carona até Dai-Lo, o carroceiro Lun contou sobre um grupo de hozens ladrões que entrou na vila e roubou algumas sacas de arroz e vegetais. Normalmente, esses macacos espertos ficavam só na Vila de Fe-Fang, na parte noroeste da ilha, mas às vezes eles aparecem para criar confusão.

Não me entenda mal: eu gosto dos hozens. Eles têm toda uma cultura e costumes fascinantes. Os hozens são loucos e divertidos, de um jeito legal. Mas de vez em quando essa doideira deles passa do limite.

Fiquei chocada ao saber que ninguém estava tentando encontrar os ladrões. Acho que com os vermingues na área, os fazendeiros de Dai-Lo não acharam que perder uns sacos de comida uma vez ou outra era grande coisa. Do meu ponto de vista, se os fazendeiros deixassem os hozens roubar a colheita deles, aquelas bolas de pelo não iriam parar nunca. Era a nossa comida que estava em jogo e eu não ia ficar sentada e deixar os macacos sair livres dessa!

Lun disse que os hozens foram vistos pela última vez indo para as florestas a norte das Fileiras, em direção a uma área chamada de Lagos Cantantes. Não demorou muito até que eu encontrasse uma trilha de pedaços de cenoura mastigados e cabeças de brócolis descartadas (acho que até os hozens odeiam brócolis). Segui a trilha até as florestas esmeralda que rodeiam os lagos.

Eu sempre gostei de visitar os lagos. São calmos e cheios de magia. Já passei muito tempo lá, me equilibrando em pilares de madeira estreitos erguidos sobre a água. As sessões de treino são emocionantes porque a queda não deixa você só molhada. Aquelas águas podem fazer muito mais do que isso.

Ao longo dos anos, todo tipo de animais morreu nos lagos e os espíritos deles se fundiram às águas encantadas. Se você se molhar... BUM! Quando vê, de repente está pulando como um sapo ou se arrastando na lama como uma tartaruga. Existe até um lago infundido pelos espíritos de gambás. Depois que a maldição acaba, você ainda fica fedendo por vários dias!

Tive paciência para investigar a área, observando os filhotes saltando de pilar em pilar, sendo instruídos por um pandaren chamado Forte Bô. Ele é um grandalhão que não gosta de brincadeiras e foi meu professor por anos. Tem um coração bom, mas é tão divertido de se ter por perto quanto um balde de iscas podres. É sempre "Não faça isso!" com Forte Bô... Parece meu pai. Eles são o oposto completo do Tio Chen.

Forte Bô me viu andando pelas margens dos lagos e olhou de cara feia. Provavelmente achou que eu estivesse aprontando alguma confusão (no que estava certo, claro). Por sorte, ele estava ocupado demais ensinando os filhotes para vir me perturbar.

Enfim, eu encontrei os ladrões hozens. Cinco deles, para ser exata. Eles estavam brincando às margens do lago do gambá, empurrando um ao outro na água. Sempre que um entrava e se transformava, os outros começavam a pular, gritando e rindo como se fosse noite de dose dupla na Cervejaria Ki-Han.

Eu vi o que restou dos sacos de arroz e vegetais em um morrote próximo, escondido atrás de uma árvore. Os hozens estavam tão distraídos com a brincadeira que nem viram quando eu cheguei devagarzinho no esconderijo para olhar a comida. Fui chegando cada vez mais perto, até os sacos estarem ao alcance das minhas mãos quando... dois bebês hozens peludinhos apareceram atrás dos sacos!

Eu não esperava que os ladrões fossem uma família. Eles devem ter roubado a comida para alimentar os pequeninos e eu não tive coragem de pegar a comida de volta. Mas ainda consegui me vingar. Arremessei uma das abóboras roubadas dentro do lago e disparei para a floresta. Pelo barulho que se seguiu, imagino ter derrubado pelo menos alguns deles no lago. Por outro lado, transformá-los em gambás provavelmente os deixou com cheiro melhor do que o normal.

Bom, já era hora de encarar meus medos. Juntei alguns suprimentos em Dai-Lo e parti em direção à Floresta de Pei-Wu, o lugar mais perigoso e proibido de toda a Ilha Errante!



Quarto registro: a floresta proibida

Carregada com os suprimentos da Fazenda de Dai-Lo, eu me preparei para minha trilha pelo lugar mais perigoso da Ilha Errante: a Floresta de Pei-Wu!

Pei-Wu é perigosa, proibida para quase todos os pandarens, e eu sabia que seria difícil me esgueirar lá para dentro. A densa floresta de bambu é cercada por colinas íngremes, e o único caminho de entrada é bloqueado por dois grandes portões.

Para piorar as coisas, eu vi Forte Bô enquanto procurava um lugar isolado para escalar o primeiro portão. Por que ele tinha que estar pela vila justamente hoje? Ele me perguntou o que eu estava aprontando mais cedo, nos Lagos Cantantes. "Sentindo a beleza e o esplendor de nosso lar", respondi. E era verdade!

Mesmo assim, Forte Bô apertou os olhos e resmungou como de costume. (Eu me pergunto se ele sabe que fica com cara de sapo enrugado quando faz isso.) Com Bô metendo o nariz por ali, eu achei melhor ir para casa e ficar quieta descansando até a barra estar limpa. Antes do nascer do sol, eu saí quietinha para as ruas vazias e escalei o portão com uma corda de pelo de iaque comprada em Dai-Lo.

Logo o sol aparecia no horizonte, mas as copas altas das árvores de Pei-Wu bloqueavam quase toda a luz. O nevoeiro pairava baixo na floresta, dificultando a visão ainda mais. Mas eu conseguia ouvir os ruídos ao meu redor... e eram muitos. A região é conhecida pela abundância de bichos, mas só existe um que causa medo a qualquer pandaren: o feroz tigre de Pei-Wu.

E um desses estava me caçando. Onde quer que eu fosse, passos pesados seguiam à distância. Quando eu parava, eles paravam. Quando eu me movia, eles se moviam. Então, de repente, a fera partiu para cima de mim, rugindo e mostrando os dentes. Eu assumi a

postura do poderoso boi para me defender no momento exato em que um gigante emergiu das névoas...

Era Forte Bô!

Por que ele não podia cuidar da própria vida? Sem dizer qualquer palavra, Bô me levou de volta para casa e acordou meu pai, contando que eu havia entrado na floresta proibida. Meu pai me deu uma bronca de uma hora antes de finalmente se acalmar. Como castigo, ele decidiu que eu ficaria treinando por uma semana nos Lagos Cantantes... sob a supervisão severa de Bô.

Tentei explicar ao meu pai o que eu estava fazendo, que estava explorando a Grande Tartaruga e escrevendo sobre a maravilhosa jornada. Pensei que isso o deixaria satisfeito, mas ele pareceu não entender ou não se importar.

O papai disse que o castigo começaria no dia seguinte, o que significava que eu ainda teria tempo de visitar mais um lugar. Ainda nervosa com tudo o que aconteceu, eu parti rumo a oeste, até chegar a uma trilha tortuosa que levava ao Bosque dos Cajados, o local do descanso final dos anciãos da Ilha Errante. Um enorme leão de pedra, o Guardião dos Anciãos, protege a entrada e a poderosa criatura não permite que você passe até ser vencida em combate. (Eu fui uma das pandarens mais jovens a passar no teste).

Muitos anos atrás, antes de deixar a Grande Tartaruga, o Tio Chen me falou que sempre visitava esta parte da ilha para buscar inspiração. Naquela época, eu disse que não entendia o porque, mas agora entendo. Este é um lugar mágico. Quando alguém é enterrado aqui, o cajado é plantado no quão e, depois de algum tempo, se torna uma linda árvore. Bom, depois de tantas gerações, uma floresta inteira brotou. Uma história completa sobre os grandes pandarens da ilha.

Até a minha família tem um lugar aqui... Mas eu prefiro não escrever sobre isso. Eu não fui lá nesta viagem. Depois da minha discussão com o papai, a última coisa que eu queria era mais dor de cabeça.

Enquanto caminhava por um dos bosques mais antigos da área, eu passei pelo Ancião Shaopai acendendo um incenso no altar de sua família. Ele é um pandaren supersábio que mora nas redondezas da Vila Brisa da Manhã. O Ancião passou a vida toda gravando palavras de sabedoria para as gerações futuras.

Shaopai caminhou ao meu lado por algum tempo, apontando as árvores e citando quem elas homenageavam. Antes de partir para a vila, ele disse: — Eu consigo perceber que há muitas coisas em sua mente agora, pequena Malte do Trovão. Não cabe a mim perguntar sobre sua vida pessoal, mas aceite este presente. — O ancião me entregou um objeto redondo e liso, um pouco maior do que a minha pata. Uma pedra da preocupação. — Quando a vida pesar nos seus ombros, a pedra da preocupação pode aliviar o peso. A mágica contida nela é muito poderosa.

Eu sempre pensei que pedras da preocupação fossem berloques inúteis, mas se um gênio como Shaopai acreditava que ela funcionava, isso era o suficiente para mim.

Quando enfim deixei o bosque, uma sensação estranha tomou conta de mim e eu não consegui me livrar dela. Estava grata pelo presente de Shaopai e por ter visitado tantos lugares incríveis da ilha, mas eu queria mais. A Ilha Errante é uma terra linda, cheia de histórias e maravilhas. Porém, para mim, é a minha casa. Eu já vi tudo. Enquanto isso, existe um mundo inteiro lá fora, esperando para ser explorado, e infelizmente eu acho que nunca vou conseguir conhecê-lo.

Passei o resto do dia na Biblioteca-mor, lendo as cartas do Tio Chen novamente. Sinto saudades dele. O papai diz que o tio provavelmente acabou morrendo em uma de suas

aventuras "loucas", mas eu não acredito nisso. Eu sinto que ele ainda está lá fora, em algum lugar, e sei que ele vai voltar um dia.

Até lá, tudo o que eu posso fazer é manter o Caminho do Errante vivo aqui na Grande Tartaruga. O Tio Chen ficaria orgulhoso disso. Meus ancestrais ficariam orgulhosos disso. É assim que nós deveríamos viver! Como Liu Lang dizia, "cada horizonte é um baú de tesouros. Cada mapa em branco é uma história a ser contada".

Se ao menos meu pai entendesse isso. Não importa o que ele diga, um dia eu deixarei minha marca no mundo.

E quando isso acontecer, talvez o Tio Chen esteja ao meu lado.



Quinto registro: a Floresta de Jade

Muita coisa aconteceu desde a última vez que escrevi nesse diário. Para começar, o Tio Chen finalmente voltou para a Ilha Errante (graças à ajuda da ilustríssima euzinha aqui). Não demorou nada e acabamos nos enfiando depois de onde o vento faz a curva, procurando pelo continente lendário de Pandária. A maioria do povo na Grande Tartaruga acreditava que o lugar tinha sido destruído muito tempo atrás, por guerra e doenças.

Bem, eles estavam redondamente enganados.

Depois de lutar contra piratas, sobreviver a uma tempestade no mar e dar conta de todos os tipos de perigos que você pode imaginar, o Tio Chen e eu fizemos o impossível: encontramos Pandária, a terra natal perdida dos nossos ancestrais!

Mas chegar lá acabou sendo muito mais difícil do que esperávamos. A única pista que tínhamos era uma Pérola de Pandária, um artefato místico que me concedeu visões sobre como encontrar o continente. Pô, ela bem que podia ter avisado sobre como a jornada seria perigosa.

O que importa é que chegamos a Pandária inteiros. Aportamos perto da Floresta de Jade, uma região que se estende por toda a costa leste do continente. Havia florestas verdes até onde dava para ver e densos bambuzais que serviam de casa para plantas e bichos esquisitos.

A gente não tinha mapa, mas isso não foi um problema. Depois de dar uma olhada na área em volta, escolhemos uma direção aleatória e começamos nossa jornada como qualquer verdadeiro seguidor do Caminho do Errante: um passo de cada vez.

Rapidinho apareceram uns nativos para dizer oi. Dúzias de homens-lagarto de olhos brilhantes (chamados sauroks, descobri depois) surgiram da floresta. O grupo cheirava a couro velho curtido em cerveja podre e depois besuntado com o patê de peixe fermentado da Vó Mei. E isso era o que tinham de melhor.

Acabamos tendo que dar um jeito nos caras de calango (bem, o Chen deu um jeito neles). O único que deu trabalho mesmo foi o líder, um saurok imenso coberto de cicatrizes, pintura de guerra e mais cicatrizes. Logo, logo ele deu no pé para a floresta feito uma lagartixa, chorando lágrimas de saurok.

Encontramos o acampamento dos lagartos ali por perto. Estava cheio com o que parecia ser um baita de um saque: carroças com grãos, verduras e pedaços de jade purinho. Enquanto vasculhávamos aquele montão de coisas, um grupo de pandarens apareceu. Quando viram que os sauroks já eram, todos se curvaram e fizeram reverências como se fôssemos heróis! Os feiosos aterrorizavam aquela área fazia tempo, e todas as tentativas de acabar com eles tinham falhado.

Nosso novo fã-clube ficou de queixo caído quando o Tio Chen disse que vinha da Ilha Errante. Achavam em Pandária que a Grande Tartaruga tinha batido as botas, pois passaram séculos sem nenhum sinal dela. A semelhança dos pandarens da Floresta de Jade com os lá de casa me deixou bastante surpresa. Além de algumas diferencinhas, tipo as roupas, pouquíssima coisa mudou em gerações.

Quando descobriram que éramos exploradores à moda antiga, os pandarens contaram um monte de coisas sobre a Floresta de Jade, sobre seus habitantes e sobre o ponto mais importante dela: o Templo da Serpente de Jade. Além de ter sido construído para homenagear o lendário imperador Shaohao, o incrível templo também tinha uma ligação com a Serpente de Jade, Yu'lon, um dos quatro seres celestiais que cuidavam de Pandária.

Quando chegamos ao templo, havia trabalhadores escavando uma estátua de jade enorme, chamada Coração da Serpente. A cada cem anos, Yu'lon transfere sua vida para a escultura, que se transforma num novo ser. Esse ciclo — criar estátuas para que Yu'lon possa renascer — existia desde sempre, e os saqueadores sauroks quase estragaram tudo quando roubaram o suprimento de jade desses caras.

Um dos zeladores do templo, o Mestre Ancião Chuva-Zhu, levou o Tio Chen e eu num passeio, pra conhecer a área. Ele era tão bacana que nos levou até o Arboreto, ao norte, um

pedacinho de terra lindíssimo que servia de lar para a Ordem da Serpente das Nuvens. Esse grupo destemido tinha uma longa história de domar, criar e montar as serpentes das nuvens da região, majestosos monstros voadores que eu tinha visto cruzando o céu acima do templo.

O Velho Chuva-Zhu disse que atenderia qualquer pedido nosso por termos derrotado os sauroks e devolvido o jade. Meu primeiro impulso foi pedir uma serpente só para mim (os filhotes eram muito fofos!), mas o Tio Chen achou que seria demais. Então pedi a segunda melhor coisa: uma voltinha numa serpente das nuvens!

Eu já tinha voado numa garça gigante em casa e até num zepelim goblínico, mas essa serpente das nuvens era um negócio fora de série. O bichão disparou para o céu mais rápido do que qualquer coisa que eu já vi. A altura me deu uma vista muito boa do que tinha depois da Floresta de Jade: a oeste, planícies extensas e fazendas; a noroeste, um monte de montanhas tão altas que pareciam de mentira, os picos tão altos que estavam cobertos de neve. Pandária era enorme. Tinha tanta coisa para descobrir! Eu estava explorando um continente inteiro, onde nenhum pandaren da Ilha Errante tinha pisado por gerações!

Antes de cruzarmos o resto da floresta, meu tio e eu decidimos dar a Pérola de Pandária ao Chuva-Zhu. Ele foi muito legal com a gente, nos tratou como se fôssemos da família, e vendo como aqueles pandarens reverenciavam o templo como um lugar de sabedoria e iluminação, não poderíamos pensar em nenhum lugar melhor que aquele para a pérola. Foi difícil desistir dela, mas eu já tinha chegado aonde queria: Pandária. Era hora da pérola ajudar mais alguém a alcançar seu destino.

Nas semanas seguintes, o Tio Chen e eu andamos... E andamos... E andamos mais um pouco. A Floresta de Jade parecia não acabar nunca, e a cada passo surgia uma emoção inesperada: templos de pandarens reclusos, ruínas ancestrais cobertas de mato e cipó, monastérios enfiados lá no alto das montanhas. O único problema era meu tio andando feito uma lesma, parando de cinco em cinco minutos para "admirar a paisagem".

Depois de sei lá quanto tempo, finalmente chegamos ao fim da Floresta de Jade. À nossa frente ficava o Vale dos Quatro Ventos, as fazendas que eu tinha visto lá de cima, montada na serpente das nuvens. A essa altura, eu já não me aguentava de tanta vontade de explorar qualquer coisa que não fosse uma floresta, mas não fazia ideia do que me esperava na próxima parte da viagem.

Logo faríamos uma descoberta que mudaria para sempre tudo o que sabíamos sobre a família Malte do Trovão!



Sexto registro: Vale dos Quatro Ventos

Durante as semanas em que o Tio Chen e eu exploramos a Floresta de Jade, comecei a me sentir uma estranha, totalmente desligada de Pandária. Claro, meus ancestrais vieram de lá, mas isso foi gerações atrás. Mesmo tendo encontrado alguns hozens (maiores e mais espevitados do que os que conheci na minha terra), quase todo o resto do continente estava totalmente mudado.

Bem, isso tudo foi antes de eu visitar o Vale dos Quatro Ventos. Era uma casa longe de casa, mas muito maior. O vale — considerado o celeiro de Pandária — estava coberto por fazendas tão gigantescas que faziam as Fileiras da Ilha Errante parecerem uma jardineirazinha. Aposto que uma colheita do vale alimentaria todos os pandarens do Vilarejo Mandori — mesmo um gorducho feito o Tio Chen — por uma vida inteira.

Eu poderia encher esse diário inteiro com as coisas que vi no vale: do ronco enlouquecedor das Cataratas de Huangtze à magia das Lagoas da Pureza. Mas não foram as coisas novas que chamaram a minha atenção; estranho mesmo foi encontrar coisas familiares tão longe de casa.

Essas descobertas começaram quando estávamos explorando o vale ao lado de outros heróis de Azeroth, viajantes como nós. Encontrar estranhos não foi uma surpresa tão grande, e o tio até me contou que tinha cruzado com membros da Horda e da Aliança algumas semanas antes (enquanto eu dormia). As duas facções tinham chegado à Floresta de Jade e estavam causando todo tipo de problema. Até arrastaram alguns nativos para o conflito, como os hozens e uma raça de peixos chamada jinyu. Por sorte, o Tio Chen e eu já estávamos de saída da floresta quando a confusão começou.

Não muito depois de chegarmos ao vale, conhecemos um sujeito chamado Caneca de Barro, um pandaren amigável que fazia a própria cerveja com água lamacenta. Ele era meio estranho, mas não é que era um cara bem legal? Do nada, ele falou de uma Cervejaria Malte

do Trovão, que ficava por perto. O Tio Chen e eu mal conseguíamos acreditar: a gente tinha primos vivos em Pandária — e uma cervejaria! A notícia fez o Tio Chen apertar o passo pela primeira vez em semanas.

Infelizmente, a cervejaria estava um caos. Vermingues (iguazinhos aos da Ilha Errante, cuspidos e escarrados) infestaram os armazéns de grãos e arroz. Hozens haviam tomado partes da construção e enlouquecido. Para piorar, o Malte do Trovão responsável pela cervejaria, o Tio Gao, nem queria nossa ajuda! Claro que o Tio Chen e eu não deixaríamos a maior descoberta da história da família ser arruinada por um parente rabugento.

No fim, conseguimos dar um fim à praga da cervejaria (coisa que não teríamos conseguido sem nossos novos amigos do mundo exterior). Quando o lugar já estava sob controle de novo, o Tio Gao se abriu para mim e para o Tio Chen. Ele disse que antes havia muitos Malte do Trovão vivendo e trabalhando lá, mas todos tinham ido ao Oeste para lutar contra um povo inseto antigo, conhecido como mantídeo. Gao tinha ficado para cuidar da cervejaria. Acho que ele estava sob muita pressão para se manter à altura do nome da família, pois se esforçou para desenvolver uma boa cerveja que algumas ficaram instáveis — aquele tipo de instabilidade que faz com que as bebidas criem vida e tentem matar você.

Gao não sabia quando os outros Malte do Trovão voltariam, mas contou tudo sobre eles. Também contou a história da nossa família no vale, que começava muitos anos antes. Perto da cervejaria, ele nos mostrou um velho santuário dedicado à viúva Mab Malte do Trovão e seu filho, Liao. Meu papi já tinha me falado deles. Depois que o marido morreu num acidente trágico com um esmagador de uva, ela pegou o Liao e começou uma nova vida na Ilha Errante.

Além da família Malte do Trovão, existiam laços ainda maiores entre o vale e minha terra natal. Gao disse que o Liu Lang — o fundador da Ilha Errante — tinha nascido e crescido perto da cervejaria. Imagina só! O local exato do nascimento, perto de uma vila chamada Arado de Pedra, ficava nos limites do vale, a leste.

Todo dia eu aprendia alguma coisa nova sobre a região e sobre meus parentes distantes. Tudo ia às mil maravilhas, até que más notícias chegaram...

Alguma coisa bem grande estava acontecendo lá para os lados do oeste, perto de uma muralha imensa chamada Espinhaço da Serpente. Muitos anos antes, os mogus — brutos gigantescos que governaram Pandária até os meus ancestrais chutarem os traseiros deles — tinham construído uma barreira para se protegerem dos arqui-inimigos deles, os mantídeos. Os pandarens protegiam o Espinhaço, mas os insetões tinham acabado de furar as defesas e começavam a invadir o povoado mais próximo: o Arado de Pedra!

O Tio Chen e eu nos juntamos ao grupo de pandarens reunido no Arado de Pedra para cuidar dos invasores. Nós limpamos o chão com a cara dos mantídeos, mas eu fiquei com a sensação de que esse era só o primeiro de muitos ataques. Os moradores sussurraram algo sobre uma outra força ter sido responsável pelo ataque, um poder negro e misterioso conhecido como sha. Senti um calafrio só de imaginar um mal tão malvado em Pandária.

As coisas se acalmaram depois do ataque. O Tio Chen e o Tio Gao passaram dias inteiros na cervejaria, discutindo receitas e testando novas cervejas. Por mim, tudo bem. O Tio Chen vinha apertando minha coleira desde que chegamos em Pandária. Eu estava me coçando para ter a chance de explorar sozinha e sabia o lugar perfeito para visitar: a Selva Krasarang. Foi de lá que Liu Lang saiu de Pandária nas costas de Shen-zin Su, a tartaruga marinha que acabaria crescendo e se tornando a Ilha Errante!

Eu aprendi umas coisas sobre Krasarang com um dos fazendeiros do vale. Ele me alertou sobre os grandes perigos do lugar, mas ouvir aquilo me deu ainda mais vontade de ir lá. Juntei alguns suprimentos e deixei um bilhete para o Tio Chen, dizendo para onde ia. Ele tinha enfiado o focinho tão fundo em sacos de malte e lúpulo que imaginei que estaria de volta antes de ele perceber que eu tinha saído.

Finalmente eu estava livre, trilhando meu próprio caminho. Próxima parada: Selva Krasarang e o local onde nasceu a Ilha Errante!



Sétimo registro: Selva Krasarang

Mesmo sem o Tio Chen por perto pra ajudar, foi bem fácil encontrar a Selva Krasarang. Já abrir caminho pelo pântano sombrio que acompanha a costa foi um desafio e tanto. A cobertura espessa da floresta impedia a passagem do sol; era quase impossível se orientar. Quando não estava tropeçando nos emaranhados de raízes pelo chão, estava me enrolando nos cipós enormes que pendiam dos galhos. E começaram a aparecer bichos. Sauroks, vespas gigantes e um monte de outras criaturas rastejavam por todos os lados.

Era tão emocionante quanto eu imaginava!

Mas comecei a ficar chateada por não encontrar logo o lugar em que Liu Lang zarpou de cima de Shen-zin Su. Depois de dias procurando e nada de encontrar, cruzei com um pescador chamado Ryshan, o primeiro pandaren que via fazia um tempão. Ele tinha acabado de entregar um carregamento de peixe em Vigia de Zhu, um posto avançado na parte nordeste de Krasarang, construído pra tentar impedir que coisas indesejáveis como os sauroks atacassem viajantes a caminho do litoral.

Amigos devem ser uma coisa rara em Krasarang, pois Ryshan me tratou como se a gente fosse da mesma família, e eu nunca o tinha visto mais gordo! Quando expliquei o que estava fazendo na selva, ele me disse que o lugar de onde Liu Lang partiu de Pandária era bem pertinho da aldeia dele, o Cais dos Pescadores. Ele foi bacana e me chamou para ir até o acampamento onde estava, para reabastecer meus suprimentos antes de seguir viagem até o meu destino. Finalmente a sorte começava a sorrir pra mim.

No caminho até a aldeia, Ryshan me contou tudo sobre a história de Krasarang. Poucos pandarens passaram por essa selva. "Só pescadores e loucos, se é que há diferença", disse, inflado de orgulho. Passamos por um monte de ruínas antigas, que ele disse terem sido dos mogus. Tempos atrás, antes de o império deles cair, alguns viveram em Krasarang. Mais recentemente, alguns mogus até voltaram para reivindicar os territórios, mas heróis que

nem aqueles que ajudaram o Tio Chen e a mim na cervejaria da família impediram os bichos.

Estava quase anoitecendo quando chegamos ao Cais. A pequena aldeia de choupanas ficava para lá da praia de Krasarang, o que significava que a gente tinha que pegar um barco para chegar lá. Grande coisa, certo? Bem, depois que hasteamos as velas, o pescador começou a gritar "assassino" e ficou de pé num pulo, golpeando o ar com os remos. O que poderia ter abalado um pescador corajoso feito aquele? Crocoliscos? Sauroks? Estava começando a achar que minha vida estava em risco até que vi o que tinha deixado ele daquele jeito: um bandinim.

Esses carinhas peludos eram uns belos de uns ladrõezinhos, e adoravam peixe. Em outras palavras, eram os inimigos número um dos pescadores. E aquele no barco era barra pesada. Não recuou um centímetro, nem quando Ryshan começou a bater com o remo. Na verdade, o danado ficou furioso e começou a fazer um barulho esquisito e a atacar com as garras.

Geralmente eles ficam no Vale dos Quatro Ventos, mas esse bandinim tinha chegado até Karasarang. Para acalmar o Ryshan, prometi que ia dar um jeito na bola de pelo e manter as patas dele longe de qualquer peixe. Era o mínimo que eu podia fazer. Afinal, esse bandinim era um explorador como eu. Por algum motivo que eu não sei explicar, ele me lembrava meu irmão mais velho, Shisai. Talvez fosse a cara gorda e as orelhas peludas, ou o jeito com que ele catava restos de comida no meio do pelo e enfiava na boca, sem o menor medo de parecer nojento. Bem, qualquer que tenha sido a razão, resolvi dar a ele o nome do meu irmão. Por mais inacreditável que fosse, eu estava com saudade do Shisai. Bem... um pouco.

No Cais dos Pescadores, o Ryshan e os amigos dele assaram alguns peixes fresquinhos, pegos no dia, e me contaram as melhores histórias de pescador que conheciam. Quando eu disse que vinha da Ilha Errante, eles se sentiram desafiados a contar histórias melhores e começaram a inventar lorotas sobre um filhote de kraken que tinham pescado anos antes.

"Só pescadores e loucos". É... Parecia que era verdade..

Uma das coisas mais interessantes de que os pescadores falaram foi o Templo da Garça Vermelha. A enorme construção, localizada no meio de Krasarang, foi construída em honra ao celestial Chi-Ji, conhecido como a Garça Vermelha. Ryshan mencionou que essa poderosa e benevolente criatura também era chamada de espírito da esperança. Não muito tempo antes, um perigo escapara das profundezas do templo: os sha. Esses terríveis males foram derrotados, mas não antes de lançarem uma sombra de desespero sobre a selva.

Eu tinha ouvido falar dos sha durante o ataque mantídeo ao Arado de Pedra lá no Vale dos Quatro Ventos. Por que essas coisas bizarras começaram a aparecer de repente em todos os lugares? Será que isso estava acontecendo por toda Pandária? Só de pensar nos sha meus pelos ficavam arrepiados. Foi difícil dormir naquela noite.

Na manhã seguinte, quando me aprontava para continuar a busca pelo local onde a Ilha Errante nascera, um imenso balão de ar quente pousou no Cais dos Pescadores. O piloto, um pandaren de fala mansa chamado Shin Nuvem Sussurrante, tinha vindo do Norte, do Monte Kun-Lai, para buscar um carregamento de peixe. Aparentemente, ele ia fazer uma entrega num lugar sagrado no topo das montanhas, o Templo do Tigre Branco. O peixe de Krasarang devia ser de longe o melhor de Pandária; por que outro motivo ele teria viajado tanto?

Quanto mais o Shin falava sobre o Kun-Lai, mais eu queria ver de perto. O piloto disse que eu poderia ir junto se ajudasse a carregar o balão com os peixes. Como dizer não? Claro, eu ainda não tinha encontrado o lugar específico onde Liu Lang e a Grande Tartaruga começaram a jornada pelo mar, mas pelo menos tinha uma ideia de onde seria. O Tio Chen e eu poderíamos voltar lá depois, mas quando eu teria outra chance de ir até o Kun-Lai? Com meu tio enfurnado na cervejaria, poderia levar semanas, talvez meses, até podermos visitar os pontos mais distantes de Pandária. Talvez a gente nunca fosse. Eu imaginava o

Tio Chen na cervejaria, entornando barris e barris de cerveja, ficando mais redondo que o balão do Shin, ficando gordo demais para passar pelas portas!

Só havia uma coisa a se fazer: arregacei as mangas, respirei fundo e comecei a carregar a cesta imensa presa ao balão com barris de peixe. No fim, devia estar cheirando como uma verdadeira pescadora, mas esse era um preço pequeno a se pagar por uma viagem de graça para um lugar tão misterioso e emocionante como o Kun-Lai.

Depois de me despedir dos pescadores, enfiei o Shisai na mochila e saltei para dentro do balão. Logo em seguida, já estávamos muito acima da Selva Krasarang, e subíamos cada vez mais! A vento levou a gente para o norte, na direção da Floresta de Jade, e depois para as majestosas montanhas do Kun-Lai. Por frestas nas nuvens fofinhas, comecei a ver meu destino.

Quando disse a Shin que o Kun-Lai era lindo de longe, ele se entristeceu. "É engraçado como tudo parece perfeito visto do céu", disse. "O Kun-Lai é um lugar maravilhoso, como você disse, mas hoje em dia as coisas não vão tão bem lá. Nuvens negras estão se acumulando sobre a região, pequenina".

Shin contou que começara uma guerra em algumas partes do Kun-Lai. Ele disse para não me preocupar, pois estava me levando para um lugar seguro, mas, ainda assim, me perguntei se não tinha sido uma burrada ir com ele.

Então me lembrei que o Tio Chen e todos os exploradores que se prezam precisavam viajar para lugares tranquilos e também para terras perigosas. Ser um andarilho é isso aí. Respirei fundo e olhei adiante, pronta para encarar qualquer desafio que me esperasse nos picos gelados do Monte Kun-Lai!



Oitavo Registro: Monte Kun-Lai

Eu pensava que a Floresta de Jade era grande, mas não chegava aos pés do Monte Kun-Lai. As montanhas lá são tão altas que, mesmo do balão, eu tinha que espichar o pescoço para ver o ponto em que as escarpas nevadas sumiam nas nuvens.

Nosso destino, o Templo do Tigre Branco, se encontra na parte nordeste de Kun-Lai. Assim como os templos da Floresta de Jade e da Selva de Krasarang, ele é dedicado a um dos lendários celestiais de Pandária. No caso, Xuen, o Tigre Branco. O piloto do balão, Shin, também o chamou de espírito da força, que parece a característica ideal para se ter nessas montanhas tão severas.

O templo estava um gelo quando chegamos. Minhas patas estavam dormentes quando terminamos de desembarcar todos os barris de peixe. Nem Shisai, meu bandinim, escapou do frio. Neve cobria seu pelo dos pés à cabeça, e seus bigodes tinham congelado. Eu teria me sentido mal pelo coitadinho se ele não andasse tão rabugento nos últimos tempos. Na véspera, ele tinha tentado me morder quando eu o surpreendi roubando peixe dos barris! Havia alguma coisa errada com ele, mas eu não sabia o que era... ainda.

Depois de fazermos a entrega, voltamos aos céus e partimos para as altas estepes rochosas na parte sul de Kun-Lai. A maioria das pessoas da região mora lá. Além de cabanas de hozen e aldeias pandarênicas, eu vi um acampamento jinyu às margens de uma lagoa chamada Lagoa Guelra-pintada. Eu esperava aprender muito sobre a cultura ancestral e a rica história dessa espécie anfíbia. Mas, mais importante, eu queria saber como eles conseguem colocar peixinhos dentro de bolhas e fazê-los flutuar no ar.

Mas eu nunca tive a oportunidade de explorar Guelra-pintada. De fato, não pude aproveitar nada em Kun-Lai. A cada segundo que passava, Shisai se tornava mais perigoso e imprevisível.

— Ele está zangado — explicou Shin, notando o comportamento do bandinim. — Mas não é culpa dele... — O pandaren me contou que um dos shas, um ser de pura raiva, tinha escapado de sua prisão nas montanhas e estava aterrorizando as estepes, fazendo com que a violência irrompesse entre os povos do lugar.

Para piorar as coisas, uma espécie de nômades mulambentos com cara de iaque, os yaungóis, tinham invadido a região, vindos do oeste. Os sacanas agiam como se fossem donos do lugar, queimando os acampamentos que encontravam. Shin não sabia se a aparição súbita dos yaungóis tinha conexão com o sha, mas os brutamontes não estavam tornando a vida em Kun-Lai segura.

Embora não pudéssemos fazer muito a respeito do sha ou dos yaungóis, ainda podíamos ajudar meu bandinim. Shin disse que sabia quem poderia curar os problemas de humor de Shisai: Corajoso Yon.

Yon vivia em uma pequena caverna no Monte Kota, uma montanha afastada na parte sudoeste de Kun-Lai. Ele era um pandaren excêntrico, famoso por sua habilidade de domar animais selvagens e treiná-los para o combate. Por sorte, Shin era um velho amigo de Yon. Assim, ele nos recebeu muito bem em sua casa e concordou em ajudar Shisai. Com cuidado, inspecionou o bandinim rabugento. De vez em quando, ele se virava para as mascotes em sua caverna e lhes perguntava algo, ou sussurrava alguma coisa. Mas o que eu achei esquisito mesmo foram os suéteres, botinhas e cachecóis esquisitos pendurados das paredes. Era evidente que tinham sido tricotados para diferentes tipos de animal. Cada item de vestuário tinha até o nome de cada mascote de Yon bordado!

— Pode rir — disse o domador, um tanto na defensiva, quando me viu olhando para as roupinhas. — Mas no frio é importante manter as mascotes aquecidas. Dá para distender um músculo aqui, sabia.

É... Yon era meio biruta, mas eu gostava dele. Ele me lembrava os mestres monges da Ilha Errante, que passavam a vida inteira treinando as suas artes. Mas, em vez de buscar o equilíbrio interior, Yon fazia coelhinhos saírem na mão com filhotes de crocoliscos. O que também era bem legal.

Ao longo do dia seguinte, Yon me mostrou maneiras de lidar com Shisai e como "direcionar a raiva dele". Eu entendi que ele queria dizer "ensinar o bandinim a lutar com outros animais". Eu nunca pensei que minha bolinha de pelo danada conseguiria memorizar táticas de batalha, mas ele acabou se saindo muito bem nisso! Shisai estava conseguindo encarar algumas das mascotes veteranas de Yon (graças ao meu trinamento estratégico, claro). E mais: a luta de fato acalmou Shisai. Depois de rachar a cabeça de alguns adversários, ele voltava a ser o velho Shisai de sempre, embora com mais cicatrizes.

Na manhã seguinte, eu saí do Monte Kota com Shin e Shisai. Antes de partirmos, Yon me deu uma sacola cheia de suprimentos velhos para mascotes: brinquedinhos para o Shisai mastigar se ficasse impaciente, guloseimas e um monte de coisa mais. O domador não pediu pagamento. Eu admirei muito o gesto. Ele ajudou Shisai por causa do amor que sentia por domar feras. E, bom, o fato de ele saber que eu não tinha dinheiro nenhum também deve ter pesado. Shin pilotou o balão para o leste e tentamos decidir onde ele iria me deixar. No meio de nossa conversa, algo em terra chamou minha atenção. Dezenas e dezenas de pandarens estavam passando por um portão gigante na fronteira sul de Kun-Lai.

Shin disse que ali era o Portão dos Celestiais Majestosos. Estava atônito pelo portão estar aberto. Parece que estava fechado havia milhares de anos. Além da muralha ficava um lugar envolvido em lendas e mistérios havia muito: o Vale das Flores Eternas. Um lugar onde bem pouca gente já havia pisado.

Ou seja, o vale era o sonho de qualquer explorador, e eu logo soube para onde tinha que ir em seguida.



Nono registro: O Vale das Flores Eternas

O Vale das Flores Eternas é como um mundinho isolado no coração de Pandária. Uma brisa calma e morna soprava por colinas cobertas de grama dourada. Folhas e flores caíam das árvores, deixando um cheiro doce no ar. Em vez de ficarem secas e quebradiças como as folhas e pétalas normais, as do Vale permaneciam frescas e macias por dias.

Muito do que eu vi parecia bater com as lendas que ouvira sobre o lugar. Os filhotes por toda Pandária cresceram ouvindo mitos sobre o vale. Uma das histórias mais conhecidas diz que há fontes mágicas na região. Alguns até diziam que as águas eram capazes de operar milagres! Definitivamente havia algo de especial no vale, e eu não era a única que queria ver se as histórias sobre o local eram verdadeiras.

Dúzias de refugiados pandarens afluíram para o vale dourado. Quase todos tinham sido expulsos do Monte Kun-Lai, pois seus lares haviam sido destruídos pelos yaungóis. Os coitados levavam consigo o que podiam carregar — em muitos casos, só a roupa do corpo. Os mais afortunados levavam um iaque ou dois, algumas relíquias de família e comida suficiente para durar no máximo alguns dias.

Eu me juntei a dois refugiados, um pandaren chamado Buwei e seu filho, Pequeno Fu, que viajavam sozinhos. Ambos se mostraram reticentes, até que eu joguei um pouco do velho charme dos Malte do Trovão e pude saber mais sobre eles. Buwei e seu filho tinham perdido tudo em um ataque yaungol a Kun-Lai... inclusive o resto da família. Naquele momento, pai e filho se dirigiam para a Vila da Bruma Baixa, um local de refúgio no vale para muitos pandarens de Kun-Lai.

Como todos os refugiados, Buwei e Pequeno Fu achavam que encontrariam paz no vale. E quem poderia culpá-los? O vale estivera fechado para o restante de Pandária por milhares de anos (isso mudou alguns dias atrás). Por todo esse tempo, os grandes celestiais tinham vigiado de perto o local. Eles escolheram vigias especialmente escolhidos — o Lótus Dourado — para ajudá-los a ficar de olho no vale. Os pandarens que encontrei disseram

que era uma grande honra ser escolhido como membro dessa ordem sagrada, mas tudo aquilo me pareceu um tanto estranho. Eu não conseguia imaginar aquilo: uma criatura divina aparecendo um dia e me pedindo para abandonar amigos e família para passar o resto da vida em um vale secreto.

Deixando isso de lado, eu entendi por que os refugiados se dirigiam ao vale. Com os celestiais e o Lótus Dourado por perto, era provavelmente o lugar mais seguro de Pandária.

Pelo menos, costumava ser.

Buwei me disse que o vale já fora a sede do império mogu. Não muito antes, os grandes babacões conseguiram voltar ao vale e estavam tentando reconquistar o terreno perdido. Era difícil acreditar que os mogus já tinham dominado um lugar tão bonito quanto esse vale, mas havia estátuas deles por toda parte!

Apesar das notícias sobre os mogus, Buwei e Pequeno Fu se alegravam à medida que os dias passavam. Eu queria que fosse por minha causa, mas essa honra pertencia ao meu bandinim, Shisai. Minha bolinha de pelo tinha superado quase todos os problemas de raiva e ansiedade quando deixamos Kun-Lai. Mas, de qualquer forma, eu ensinei os dois refugiados a acalmá-lo se ele ficasse rabugento, usando guloseimas e brinquedinhos de mastigar. Buwei e o filho brincaram bastante com o bandinim. Tê-lo por perto deve ter distraído os dois e ajudado a esquecer um pouco tudo o que perderam, especialmente no caso do Pequeno Fu. Ele só sorria quando tomava Shisai nos braços. Logo o pandarenzinho se tornou um mestre na arte de cuidar do bicho.

Quando finalmente chegamos à Vila da Bruma Baixa, me surpreendi com o tamanho e a vibração do lugar. As ruas de pedra da cidade pareciam antigas e gastas, mas muitos dos prédios pareciam novos. Buwei disse que Bruma Baixa já fora menor, com apenas algumas estruturas aqui e ali ocupadas pelo Lótus Dourado, mas a primeira onda de refugiados de Kun-Lai rapidamente fizera o lugar crescer.

Os refugiados logo se sentiram em casa. Os sons de riso, conversas e cantigas preencheram cada canto da aldeia. As carroças que tinham trazido foram desmanteladas e remontadas para criar mesas e bancas improvisadas. Pedacos avulsos foram usados com lenha para aquecer caldeirões de peixe verde com curry e para tostar espetinhos de galinha com amendoim. De vez em quando, eu via duendes, como os da Ilha Errante, espiando de cima dos telhados. Os danadinhos ficavam observando os refugiados e então sumiam num piscar de olhos.

Visitar Bruma Baixa foi ótimo, mas eu ainda queria explorar o resto do vale. Eu parti cedo no dia seguinte. Buwei estava dormindo, e Pequeno Fu também. O filhote sorria, abraçando forte Shisai. Queria levar o bandinim comigo, mas depois de ver o quão feliz o filho de Buwei estava, não consegui. Depois de tudo pelo que Pequeno Fu passara, ele merecia Shisai. Além disso, eu estava ficando cansada de encontrar pelos nas roupas, na comida e no chá o tempo todo. Pelo menos... foi isso que eu disse a mim mesma para me impedir de chorar e babar feito um bebê enquanto escrevia uma notinha de adeus para o pai e o filho. Então, eu saí da aldeia.

Logo após o nascer do sol, alguém (ou alguma coisa) começou a me seguir pelo vale. Eu pressenti uma presença, mas o que realmente me alertou foi o fedor que pairava no ar feito incenso. Ele me fez pensar em Ryshan e nos outros pescadores da Selva Krasarang: pedaços de peixe e pelo suado. Eu rastreei o cheiro e encontrei meu espreitador escondido atrás de uma grande rocha. No começo, achei que fosse minha avó Mei, mas, depois de ver melhor, notei que a criatura não era tão peluda quanto a vovó. Mas nem de longe.

Era um grômulo. Eu já vira essas estranhas criaturas em Kun-Lai, mas jamais encontrara uma de perto. São excelentes alpinistas e rastreadores, e têm um olfato apuradíssimo. Viajar pelas montanhas hostis os transformou em uma espécie bem supersticiosa, e costumam carregar amuletos (como moedas ou pés de coelho) chamados "sorte-sim".

Grômulos até adotam o nome do seu sorte-sim favorito, o que, no caso do meu novo amigo, explicava o futum...

— Mensageiro Cauda-de-peixe a seu dispor! — disse o grômulo. — Chen Malte do Trovão mandou que eu encontrasse você, mas foi bastante difícil. Eu segui você por muitos dias para me certificar de que você era você. Você não fede o suficiente. Precisa de um sorte-sim melhor.

— Ou você podia só ter me perguntando quem eu era — respondi.

— Um grômulo confia no nariz antes de qualquer coisa.

Ele me entregou um pergaminho. Entre as manchas de cerveja e pedacinhos de tofu picante de que estava salpicado, eu li que ele finalmente mexera o traseiro gordo e saíra da cervejaria. Não só isso, mas ele também tinha encontrado mais Maltes do Trovão no Parque Cervejeiro do Poente, um acampamento em uma região que ele chamou misteriosamente de Ermo do Medo. Ele me disse para encontrá-lo em uma das torres de guarda ao longo do Espinhaço da Serpente, a grande muralha que atravessa o oeste de Pandária.

E, Li Li, escreveu tio Chen no final da carta, o que quer que aconteça, não passe pra o outro lado da muralha! Lá é muito perigoso. Apenas me espere quando chegar na torre de guarda.

O fato de tio Chen não mencionar que eu tinha saído sem sua permissão me deixou nervosa. Algo importante estava acontecendo no Ermo do Medo, para ele deixar aquilo passar. Embora achasse uma pena deixar o vale, eu sabia que o tio Chen precisava de mim. E, bem, eu realmente queria andar pela muralha.

— Venha, venha! — O mensageiro Cauda-de-peixe apontou para oeste, onde o Espinhaço da Serpente atravessava os limites do vale. — Eu levo você até a muralha, mas precisamos

nos apressar. Os ventos do leste estão soprando. Isso significa boa sorte e viagens tranquilas!

Mesmo a distância, o Espinhaço da Serpente parecia enorme. Eu já vira a barreira no Vale dos Quatro Ventos. Daquele momento em diante, eu vinha esperando uma chance de olhar Pandária lá do alto.

Bom, eu finalmente teria essa chance.



Décimo registro: as Estepes de Taolong

Uma vez, eu ouvi uma lenda de que o Espinhaço da Serpente era feito de bilhões de pedras.

É. Bilhões.

Na época, eu achei que era bobagem. Mas quando finalmente cheguei à muralha e vi o quão grande ela é, comecei a acreditar na história. O Espinhaço da Serpente se estende para o sul como uma grande cobra, é tão longo que não consegui ver onde termina. O topo é amplo o suficiente para algumas carroças andarem lado a lado e ainda sobra espaço para um pandaren gordo feito o tio Chen caminhar no meio. Algumas partes da barreira foram reconstruídas recentemente, e as pedras achatadas foram cortadas e empilhadas de maneira precisa. Outras áreas estão ásperas e esfaceladas, castigadas pelos elementos e cobertas com marcas de batalhas antigas.

Visitar o Espinhaço da Serpente foi um sonho tornado realidade, especialmente depois de todo o tempo que levei para chegar lá. Baseando-se nas instruções detalhadas do tio Chen, o mensageiro grômulo Cauda-de-peixe me levou a uma das torres de guarda lá em Kun-Lai. Quando finalmente chegamos à muralha, eu percebi por que demos uma volta tão grande.

O tio Chen arranjava um escoltador para me encontrar lá... um membro dos Shado-pan!

O nome dele era Min. Por gerações, essa ordem misteriosa tem vigiado o Espinhaço da Serpente, protegendo Pandária de cretinos como os mantídeos. Ele se vestia como a maioria dos Shado-pan que eu já tinha visto: armadura leve, com um chapéu largo de abas caídas sobre os olhos e um cachecol enrolado em volta do rosto. Não falava muito, mas o que me contou foi bem interessante. Min disse que cada pedra da muralha tinha uma história: histórias de como os guardiões Shado-pan tinham rechaçado atacantes, às vezes sacrificando a própria vida para cumprir seu dever sagrado.

Começou a chover enquanto seguíamos para o sul. Em vez de empoçar, a água corria por recessos na cantaria e caía em cascata pelos lados da muralha como milhares de pequenas cachoeiras. Eu estava admirando a estrutura da barricada quando notei algo estranho em Min. Ele sempre parecia estar prestando atenção na direção do oeste, como se isso fosse seu costume natural. A terra para aqueles lados é chamada de estepes de Taolong, um lugar cheio de colinas verdejantes e protuberâncias rochosas. Imensas árvores chamadas "kypari" estão espalhadas pelo lugar, chegando quase ao céu. Algumas pareciam tão grandes quanto o Espinhaço da Serpente.

Taolong é uma terra áspera habitada por um povo áspero: os yaungóis. Min me disse que havia muitos anos, era possível ver a partir das muralhas os grupos gigantes de nômades rotos vagando pelas colinas. Hoje, a área parece deserta. Abutres pairavam no ar, sobrevoando os escombros fumegantes dos acampamentos yaungóis.

A guerra chegara e se fora em Taolong. Tudo começou quando os mantídeos invadiram a região, fazendo com que os yaungóis fugissem para Kun-Lai e começassem a destruir as aldeias pandarênicas. O sha também havia influenciado os brutamontes, tornando-os mais violentos que o normal. No final, os pandarens e seus aliados derrotaram os yaungóis.

— Eu não odeio os yaungóis — disse Min. — Nós, Shado-pan, apenas fazemos o que é preciso para proteger Pandária. A emoção não toma parte em nossas ações. Nós treinamos para manter nossos sentimentos sob controle, para não sermos controlados por eles. Mas saiba, pequenina, que esses nômades são sobreviventes. A cultura deles sobreviverá. Mais do que tudo, espero que eles aprendam com o que se passou aqui.

Min não falou mais nada pelo resto da viagem, e eu preferi assim. Eu tinha muito em que pensar. Eu queria que os yaungóis fossem punidos pelas coisas terríveis que tinham feito em Kun-Lai, mas depois do que vi em Taolong, eu não sabia o que sentir. Era pra eu estar feliz ou triste?

Quando cheguei à torre de guarda onde era para o tio Chen nos encontrar, a chuva havia terminado e as nuvens tinham se dissipado. O tempo bom me deixou mais animada... até

que eu notei que meu tio não estava lá. Os guardas Shado-pan que normalmente ficavam de vigia também tinham sumido.

Antes que eu pudesse perguntar a Min onde estavam todos, os mantídeos atacaram.

Os insetos estavam esperando por nós, presos à parte externa do Espinhaço da Serpente. Dúzias deles pularam de repente, passando para o outro lado, e nos cercaram. Eles se reuniram a norte, sul e leste, impedindo nossa fuga e forçando Min e eu a nos encostarmos à borda da muralha do lado de Taolong. Eu tinha combatido os mantídeos no vale dos Quatro Ventos, mas isso não facilitava nossa situação. Aquelas antenas esquisitas, as mandíbulas e as asas finas feito pergaminho me davam arrepios.

Min matou alguns insetos com a lança. Ele perfurava, aparava e esquivava como se conseguisse prever o que os mantídeos iam fazer. Eu me adiantei para ajudar, mas ele me deteve.

— Temos reservas secretas de suprimentos escondidas perto das torres de guarda — disse ele calmamente enquanto girava a lança e derrubava um grupo de mantídeos que se aproximava pelos flancos. — Procure uma pedra com um emblema de tigre rugindo entalhado. É o emblema dos Shado-pan. Afaste a pedra e pegue a corda que está lá.

Eu encontrei um dos blocos perto do pé dele e o removi com o cajado. Debaxo da pedra havia uma câmara ampla contendo sacolas de comida seca e uma corda grossa. Enquanto rechaçava os mantídeos, Min ordenou que eu amarrasse a corda em sua cintura e que jogasse a outra ponta por sobre a muralha.

Depois, ele me mandou descer.

Eu fiquei meio em pânico. Descer o colossal Espinhaço da Serpente era uma coisa, mas fazer isso enquanto minha âncora lutava contra um pequeno exército de mantídeos era outra bem diferente. Além disso, o que estaria me esperando lá embaixo? Eu me lembrei da

mensagem misteriosa que tio Chen escrevera pra mim: E Li Li, aconteça o que acontecer, não vá para o outro lado da muralha! Lá é muito perigoso.

Acima de tudo, deixar Min para trás me parecia errado. Mas o que mais eu podia fazer? Ele era um Shado-pan e um monge da mais alta ordem. Sabia o que estava fazendo, e se eu quisesse ganhar seu respeito, tinha que obedecê-lo.

Assim, eu descí. Por todo o caminho eu podia ouvir o clangor da lança de Min batendo nas espadas e armaduras mantídeas. Fiquei torcendo para que ele aparecesse uma hora por cima da amurada e dissesse que a batalha tinha acabado. Ele não apareceu.

Quando cheguei perto do chão, a corda afrouxou subitamente. Alguém tinha cortado a corda. Eu caí e aterrissei em uma moita espinhenta que crescia colada ao Espinhaço da Serpente. Fiquei imóvel, temendo o pior. E dei um suspiro de alívio quando a cabeça de Min finalmente apareceu na amurada e começou a gritar.

A distância entre nós tornava quase impossível entender o que ele estava dizendo. Pelo que eu entendi, ele tinha matado os mantídeos, mas o último cortara a corda. Min apontou para o sul, mexendo os braços como se tentasse explicar outra coisa. Ele era um grande monge (um dos melhores que já vi), mas não sabia fazer gestos nem que sua vida dependesse disso. Tudo que eu entendi foi que ficar ali era uma má ideia. Com a corda cortada, não dava para voltar escalando a muralha. Se os mantídeos tinham atacado ali, era provável que mais deles estivessem por perto, esperando para armar outra emboscada.

Taolong parecia bem mais perigosa do chão. A grama era estranhamente fria ao toque. O céu claro desaparecera atrás de uma camada de nuvens negras. Trovões ribombavam no alto. Todas as colinas e rochas gigantes do lugar eram esconderijos perfeitos para bichos que podiam querer me devorar.

Mas minha maior preocupação era com tio Chen. Onde ele estava? Por que não aparecera? Ele não teria esquecido. Por um momento, pensei que os mantídeos podiam ter feito algo

com ele, mas eu sabia que ele era forte demais para esses insetos. Ele os teria feito em pedaços com uma pata nas costas (ou melhor, segurando um caneco de cerveja).

Decidi ir para o sul, até o Ermo do Medo, e tentar encontrar o Parque Cervejeiro do Poente sozinha. Eu imaginava que o pessoal de lá saberia o que tinha acontecido com tio Chen ou para onde ele tinha ido.

As chances de dar certo eram mínimas, mas, do jeito que as coisas estavam, era a única opção que restava.



Registro Onze: O Ermo do Medo

A primeira vez em que eu senti medo — de ficar realmente aterrorizada — foi na ilha Errante. Eu era só uma filhotinha, e tinha ido até a Grande Biblioteca para ler o Livro da Tartaruga. Depois de ter lido algumas páginas, derramei um frasco de tinta no pergaminho. Tentei limpar as manchas, mas só piorou as coisas. Então eu entrei em pânico e enfiei o livro em um canto empoeirado da biblioteca, na esperança de que ficaria em segredo para sempre.

Nos três dias que se seguiram, eu vivia aterrorizada, certa de que seria descoberta. Mal conseguia comer ou dormir. Mal saía do quarto. O medo tinha me dominado como um dos duendes malignos da floresta das histórias assustadoras que vovó Mei contava. No fim do terceiro dia, os funcionários da biblioteca descobriram o que eu tinha feito. (Por sorte, o livro era uma cópia que eles deixavam à mão.) Como punição, meu pai me forçou a escrever a letra da "Canção de Liu Lang" milhares de vezes, mas isso não me incomodou. A pior parte tinham sido os três dias horríveis.

Eu nunca mais tinha me sentido tão amedrontada assim... até chegar ao Ermo do Medo, lar dos mantídeos. Entrei na região mais longe do Espinhaço da Serpente do que eu gostaria. Uma enorme ravina separava as Estepes de Taolong do Ermo do Medo. Segui para oeste, acompanhando o abismo, até chegar a uma ponte natural — um tronco oco de árvore gigante — que poderia usar para atravessar.

O Sha do Medo tinha transformado o ermo em uma estranha imagem espelhada de Taolong. O terreno era o mesmo — colinas cobertas de grama, rochas, e árvores kypari enormes — mas tudo parecia estranho e pouco natural. Um punhado de nuvens negras girava numa espiral furiosa no céu, que emanava uma luz fantasmagórica. Borrões negros e brancos de energia do Sha borbulhavam pelo solo. Eles me lembravam das manchas de tinta do Livro da Tartaruga. De fato, cada vez que eu respirava ou dava um passo, um calafrio percorria minha espinha, e me sentia como se estivesse revivendo aqueles dias de terror.

Queria correr. Teria corrido se não estivesse pensando no tio Chen. Eu tinha que encontrar o Parque Cervejeiro do Poente.

Quanto mais me concentrava no lugar, mais eu me acalmava. Fiquei repetindo o nome mentalmente enquanto me aproximava da base de uma árvore kypari (chamada Kor'vess, como soube depois). As raízes expostas eram tão grandes que se curvavam como arcadas enormes. Pedacinhos de âmbar brilhante caíam dos galhos, flutuando pelo ar como pirilampos preguiçosos. Aqui e ali, eu via portas altas e janelas hexagonais escavadas no tronco da árvore. A arquitetura tinha um quê de inseto, e me dei conta de que os mantídeos deviam ter criado aquelas estruturas. Os insetos viviam dentro das árvores!

Por sorte, não vi nenhum mantídeo por perto — pelo menos, nenhum vivo. Havia cadáveres de insetos por toda parte, como se alguma batalha tivesse acontecido ali. Ainda assim, decidi ser cuidadosa e me mantive à sombra das raízes kypari, procurando pistas que me indicassem o caminho do Parque.

Minha sorte começou a mudar quando encontrei os restos de um barril de madeira. Definitivamente tinha sido feito por pandarens. Gotas de âmbar brilhante cercavam os destroços. Então me dei conta de algo: será que os pandarens que viviam no Ermo do Medo estavam procurando seiva de kypari? Fazia sentido. Os mantídeos usavam âmbar para um monte de coisa, desde criar armas até construir seus lares. Eu inclusive ouvira falar que aquela substância gosmenta tinha propriedades curativas. Em outras palavras, seria o ingrediente perfeito para fazer um lote de cerveja rara.

Levei quase uma hora para encontrar o parque cervejeiro, perto de outra árvore kypari próxima a Kor'vess. Pandarens usando armadura leve andavam pelo acampamento rústico. Vapor espiralava de caldeirões cheios de lúpulo e cevada fervente. Veios de seiva escorriam da árvore para dentro de barris. No geral, o lugar tinha um clima aconchegante, mesmo sendo um pouco tosco.

Quando dei alguns passos lá dentro, ouvi uma voz familiar.

— ... os Shado-pan a viram pela última vez indo em direção ao Ermo do Medo — dizia tio Chen. Eu o vi perto dos fundos do acampamento, ao lado de mais três pandarens.

— Então o que estamos esperando? — respondeu alguém. Era uma mulher mais velha, com dois coques no cabelo. Ela chutou um pandaren gordo que estava cochilando no chão. — Levante-se, Grande Dan! Não podemos nos dar ao luxo de perder outro Malte do Trovão.

— Procurando por mim? — interrompi.

Todas as cabeças se viraram ao mesmo tempo. A surpresa estampada no rosto do tio Chen era impagável.

— Li Li! — Ele me ergueu do chão e me deu um grande abraço. Subitamente, todo o meu medo desapareceu. Comecei a me desculpar por sair da cervejaria sem pedir, mas tio Chen me interrompeu.

— Como eu poderia me zangar com você por sair para explorar? — disse ele. — Foi o que eu fiz a vida inteira. Eu estou aliviado por você estar bem.

Tio Chen explicou por que não tinha me encontrado no Espinhaço da Serpente. Os mantídeos tinham atacado certos pontos ao longo da grande muralha, bloqueando a passagem dele. Quando os insetos foram derrotados, encontrou o monge Shado-pan Min, que lhe contou o que tinha acontecido comigo. Meu tio tinha acabado de voltar ao parque cervejeiro e estava organizando uma equipe de busca.

Uma equipe de busca formada por Maltes do Trovão! Eles se chamavam Han, Mama e Grande Dan.

— Você atravessou Taolong e o Ermo do Medo sozinha? — perguntou Han.

— Claro que sim! — Mama apertou minha bochecha. — Ela é uma Malte do Trovão, não é?

Grande Dan grunhiu, se levantou e esfregou os olhos. Eu imaginei que tanta movimentação assim devia ser algo raro pra ele. Ele me encarou em silêncio antes de dizer: — Ela... ela se parece com a Evie.

Mama, tio Chen e Han aquiesceram e baixaram as cabeças. Quando perguntei quem era essa Evie, eles me conduziram para fora do parque cervejeiro e me levaram até a ravina que dava no Ermo do Medo. Um memorial de pedra tinha sido erguido na beirada do abismo. Era dedicado a Evie.

Evie Malte do Trovão.

Ela morreu enquanto caçava no Ermo do Medo, morta por sha ou pelos mantídeos (ou os dois). Tio Chen tinha encontrado Evie. Nunca tinha visto essa garota, mas sentia sua falta. Se Grande Dan dizia que eu me parecia com Evie, será que nossas personalidades eram iguais também? Será que poderíamos ter sido boas amigas, ou mesmo tipo irmãs?

O sha e os mantídeos acabaram com as chances de eu descobrir a resposta para essas perguntas. Estava zangada, não só por causa de Evie, mas por tudo que eu havia visto em minha jornada por Pandária. De um jeito ou de outro, o sha tinha deixado todo o continente num estado de caos. Quantos inocentes não morreriam que nem a minha prima?

— Vou levar você de volta ao Vale dos Quatro Ventos — disse tio Chen. — É para você ficar lá até que a gente tenha dado um jeito no sha e nos mantídeos. Não é seguro explorar um lugar selvagem como esse.

— Não — respondi. Explorar era a última coisa que eu tinha na cabeça. — Existe a hora de explorar e a hora de fincar o pé e lutar. O senhor escreveu isso para mim em uma de suas cartas. Bom, vou seguir seu conselho. Quero ficar e ajudar.

Eu fiquei com medo de que o tio Chen fosse recusar e me mandar para o vale mesmo assim, mas, depois de algum tempo, um sorriso apareceu nos cantos do seu rosto gorducho. — Hunf. O que você disse foi digno de um verdadeiro explorador.

Tendo dito isso, ele retornou para o parque cervejeiro. Havia muito a planejar. Talvez eu não fosse lutar contra o sha e os mantídeos nas linhas de frente, mas faria o possível para ajudar, nem que tivesse que preparar bandagens e cozinhar. Eu queria que a morte de Evie não fosse em vão... que Buwei e o Pequeno Fu pudessem voltar para suas famílias e começar uma vida nova... e que todos os que eu encontrei em minhas viagens pudessem viver livres da influência do sha.

Eu faria com que ainda houvesse uma Pandária para explorar quando tudo isso terminasse.

— Li Li Malte do Trovão